



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **LEITURA: UM VOO PARA DENTRO DE SI**

Ellen Cristina Maia Nobre

*Escola Lar da Criança Pobre de Apodi*

Email: ellenobre@outlook.com

Míria Helen Ferreira de Souza

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*

Email: miriahelen@hotmail.com

### **RESUMO**

Sábio daquele que consegue enxergar o mundo com as lentes de uma criança. A vida seria esplêndida se conseguíssemos manter viva a inocência da criança misturada à experiência do faz de conta, do sonhar, da sabedoria de contemplar o simples sem cobranças, em todas as fases do viver, por intermédio da relação com a leitura. O interesse por esta pesquisa surgiu pela admiração do mundo poético e imaginário em que a criança vive. Este trabalho é um recorte da monografia intitulada “*O MENINO E A ROSA*”: *Sabedorias tecidas entre as flores e espinhos da leitura*, apresentada ao curso de licenciatura em Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Tem como objeto de estudo apresentar os dados que constituem o primeiro capítulo da pesquisa monográfica que teve como objetivo central compreender a capacidade imaginativa e de reflexão das crianças, a partir da leitura do conto “O menino e a rosa” de Helen Bucley”. Esta pesquisa possibilitou uma reflexão mediante a relação dialética professor e aluno, bem como, perceber as infinitas possibilidades de aprendizagem que a leitura pode trazer para o mundo imaginário e real do educando.

**Palavras-chaves:** Leitura, O menino e a rosa, Imaginação Infantil, Reflexão de si.

### **INTRODUÇÃO**

Quando o mundo é enxergado com as lentes das crianças passa a ter um sentido todo especial para todos os seres que a ele pertence. As crianças conseguem enxergar e viver seus momentos de forma intensa. Se não têm o objeto que desejam, elas criam, inventam. Se o ambiente não é o que querem, transformam fazendo as adaptações necessárias para causar prazer a si.

Este artigo é uma relato de experiência da pesquisa realizada e apresentada em forma de monografia ao curso de licenciatura em Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Partindo do pressuposto de que a criança é construtora dos próprios ideais, o objetivo foi apresentar dados construídos acerca da capacidade imaginativa e reflexiva das crianças descritos no primeiro capítulo do trabalho monográfico “*O MENINO E A ROSA*”: *Sabedorias tecidas entre as*



*flores e espinhos da leitura*, que vislumbrou responder a seguinte questão: Como as crianças imaginam e refletem o mundo, através da leitura do conto “O menino e a rosa” de Helen Buckley?

Foi uma pesquisa de campo de cunho qualitativo (POUPART, 2010), realizada com cinco crianças com oito anos de idade, estudantes de uma escola filantrópica da cidade de Apodi. Foram utilizadas técnicas da pesquisa etnográfica como a observação participante devido esta propiciar a vivência do pesquisador com o objeto da pesquisa em tempo real, e a entrevista por ser um instrumento de investigação que favorece a obtenção de informações importantes dos atores sociais (MARCONI, 2008).

As contribuições teóricas foram advindas de autores que discutem a temática como: Josso (2010), Maia (2007), Miguez (2009), Duarte Jr. (2009), Freire (2013), Martins (1994), Morin (2010), Souza (2014). O conto “O menino e a rosa” foi pesquisado em site da internet. A proposta tramitou em tomar como base o olhar sensível dos educadores frente ao exercício da reflexão e valorização da capacidade imaginativa das crianças, haja vista que a leitura precisa ser entendida como um ‘espaço democrático’ onde interagem os sujeitos, o conhecimento e o autoconhecimento.

A pesquisa se concretizou em três momentos, que não foram entendidos de modo estanques, mas interrelacionados. No primeiro encontro foi realizada a socialização da proposta da pesquisa e a narração do conto. No segundo encontro, realizou-se uma reflexão crítica do teor do conto sob o olhar das crianças. No último encontro foi feita uma entrevista individual com as crianças a fim de perceber a reflexão que fazem sobre a situação dos personagens do conto.

Neste artigo, estão apresentadas especificidades do primeiro capítulo da monografia supradita. O referido capítulo, intitulado *Voando entre as páginas: Leituras minhas*, é composto por dois subtítulos (i) LEITURA: o ponto de partida para desabrochar a rosa que há no jardim da intimidade humana; (ii) Leitura com sabor de infância. A abertura do capítulo supradito apresenta a série histórica da autora da monografia com a leitura desde a infância até os dias atuais, na condição de docente. Esse processo de releitura validou a tessitura da pesquisa já que olhar para si permeia o olhar para o outro, culminando assim num processo de leitura.

### **VOANDO ENTRE AS PÁGINAS: Leituras minhas**

O ato de ler antecede o de falar e o de ouvir. Desde o ventre materno já tentamos decifrar os códigos de nossa própria vida. Ao nascermos, continuamos a trajetória para entender o que somos e o que temos, fazendo cotidianamente uma autoleitura. Com pensamentos e sentidos





ainda desarticulados, tateamos com nossos dedos e olhos o mundo ao qual pertencemos. Descobrimos sons, cheiros, gostos. Somos sensíveis e pequenos, mas, dotados de um universo único e plural. Um universo que é nosso, mas que vai se constituindo, paulatinamente, com o outro e com o meio.

Impossível não ter empatia com a leitura de mundo, pois é a primeira que fazemos com prazer e autonomia (FREIRE, 1989). Não é preciso palavras para decodificar a importância desse primeiro contato com o ato leitor, pois, ele está no sorriso espontâneo do sujeito, no brilho dos olhos que reluzem diante das descobertas e nas cantigas narradas pelo corpo em constante movimento.

A relação do sujeito com a literatura escrita nos aportes de leitura, enquanto “experiências de verdade” (MORIN, 2010, p. 48) efervesce um processo de autoformação entendida como “as possibilidades que cada ser humano tem de se refazer por si, de cultivar mais de um valor, mais de um pensamento. Permitir-se às descobertas e com elas dialogar, aprender. É ter a coragem de evocar as imagens da natureza para pensar e tecer discursos humanos (SOUZA, 2014, p. 72).

A capacidade de (re)construção e cultivo do que é íntimo e de valores e pensamentos diversos expostos pela autora, sugere a revelação de que, lendo, o sujeito se transforma.

No relato da autora da monografia, mediante as descobertas que realizou em contato com materiais literários, o voo que a leitura proporciona ao sujeito o transfere a dois mundos opostos ou não: o mundo real cerceado por hábitos, crenças e valores, e o mundo imaginário, que também tem seus hábitos, habitado pelos sentimentos poéticos guardados na mente do sonhador. No trânsito entre estes dois mundos vividos no contato com a leitura, encontramos cenários e personagens parecidos com os quais vivemos. Em alguns momentos esbarramos com seres distantes da realidade, mas que despertam encantamento e interesse por conhecê-los. É preciso ponderarmos que, por maior que seja a fantasia nos contos infantis, ela transporta o sujeito para além da criação imaginária. Proporciona o autoconhecimento, a reflexão de si.

Sonhar é essencial à vida, “são nossos sonhos e projetos que movem o mundo. É aquilo que ainda não tenho, que ainda não consegui, que me faz ir à luta; que me faz trabalhar para mudar a realidade” (DUARTE JR, 2009, p. 68). O mundo que a leitura proporciona é totalmente compatível com o da realidade porque nos põe em confronto com o sentir, o sorrir, o sofrer, o inspirar-se, em suma, o viver.

Este tópico é encerrado com o pensamento de que o encontro com a leitura submete à reflexão de que as flores que desabrocham nos seres, têm infinitudes de cores, caules, saberes e



viveres. No entanto, se tornam possibilidades inférteis, se a docência não consegue incentivar os sujeitos a serem autores de si.

### **LEITURA: o ponto de partida para desabrochar a rosa que há no jardim da intimidade humana**

“Ler é ver”, essa afirmação de Miguez (2009, p. 19) simboliza que a leitura e a vida se entrelaçam em um nó relacional no qual uma está na outra e, portanto, não há espaço para a construção de saberes pela metade.

Pensar nessa perspectiva condiciona o sujeito, eterno aprendiz de leitor, a mergulhar nas tramas literárias e viver, por meio da capacidade humana de criar, possibilidades de adentrar no mundo imaginário de modo real, assim como fomentado pelo conto “O menino e a rosa” de Helen Buckley, descrito na sequência abaixo:

***O MENINO E A ROSA<sup>1</sup>***  
*(Helen Buckley).*

*Era uma – vez um menininho bastante pequeno que contrastava com a escola bastante grande. Uma manhã, a professora disse:*

*– Hoje nós iremos fazer um desenho.*

*– “Que bom!”, pensou o menininho. Ele gostava de desenhar leões, tigres, galinhas, vacas, trens e barcos... Pegou a sua caixa de lápis de cor e começou a desenhar.*

*A professora então disse:*

*– Esperem, ainda não é hora de começar!*

*Ela esperou até que todos estivessem prontos.*

*– Agora, disse a professora, nós iremos desenhar flores.*

*E o menininho começou a desenhar bonitas flores com seus lápis rosa, laranja e azul.*

*A professora disse:*

*– Esperem! Vou mostrar como fazer.*

*E a flor era vermelha com caule verde.*

*– Assim, disse a professora, agora vocês podem começar.*

*O menininho olhou para a flor da professora, então olhou para a sua flor. Gostou mais da sua flor, mas não podia dizer isso... Virou o papel e desenhou uma flor igual à da professora. Era vermelha com caule verde.*

*Num outro dia, quando o menininho estava em aula ao ar livre, a professora disse:*

*– Hoje nós iremos fazer alguma coisa com o barro.*

*– “Que bom!”!!! Pensou o menininho. Ele gostava de trabalhar com barro. Podia fazer com ele todos os tipos de coisas: elefantes, camundongos, carros e caminhões. Começou a juntar e amassar a sua bola de barro.*

<sup>1</sup> Texto retirado do site: As Histórias de Mariana. Disponível em:

<<http://ashistoriasdemariana.blogspot.com.br/2010/11/o-menino-e-rosa-helen-buckley.html>>. Acesso em: 15 fev. 2016.





*Então, a professora disse: – Esperem! Não é hora de começar!*

*Ela esperou até que todos estivessem prontos.*

*– Agora, disse a professora, nós iremos fazer um prato.*

*– "Que bom!", pensou o menininho. Ele gostava de fazer pratos de todas as formas e tamanhos.*

*A professora disse:*

*– Esperem! Vou mostrar como se faz. Assim, agora vocês podem começar.*

*E o prato era um prato fundo.*

*O menininho olhou para o prato da professora, olhou para o próprio prato e gostou mais do seu, mas, ele não podia dizer isso. Amassou seu barro numa grande bola novamente e fez um prato fundo, igual ao da professora.*

*E muito cedo o menininho aprendeu a esperar e a olhar e a fazer as coisas exatamente como a professora. E muito cedo ele não fazia mais coisas por si próprio.*

*Então aconteceu que o menininho teve que mudar de escola. Essa escola era ainda maior que a primeira.*

*Um dia a professora disse:*

*– Hoje nós vamos fazer um desenho.*

*– "Que bom!", pensou o menininho e esperou que a professora dissesse o que fazer.*

*Ela não disse. Apenas andava pela sala. Então veio até o menininho e disse:*

*– Você não quer desenhar?*

*– Sim, e o que é que nós vamos fazer?*

*– Eu não sei, até que você o faça.*

*– Como eu posso fazê-lo?*

*– Da maneira que você gostar.*

*– E de que cor?*

*– Se todo mundo fizer o mesmo desenho e usar as mesmas cores, como eu posso saber o que cada um gosta de desenhar?*

*– Eu não sei... disse o menininho.*

*E então o menininho começou a desenhar uma flor vermelha com o caule verde...*

O conto narrado na íntegra tem a intenção de presentear o leitor do trabalho com a possibilidade de uma reflexão sobre a própria formação. No início do conto, as situações vividas pelo menino refletem particularidades da infância, quando as crianças descobrem o poder que têm sobre o lápis e saem desenhando suas descobertas nas paredes e papéis. Imagens de expressões representativas do viver. São riscos e rabiscos, traços indefinidos que, para muitos é sem sentido, porém, expressam os primeiros passos para uma escrita e leitura autônoma que espelham simbologias significantes sob a ótica infantil.

Na infância, a leitura representada pela escrita é límpida e livre, pois as crianças explanam-se, de forma suave, natural, como o próprio ato de brincar e, paulatinamente, vão aventurando-se e experimentando prazeres que despontam nessa fase da vida. Através das brincadeiras expõem descobertas, deslindam anseios e elucidam sabedorias acerca do que conhecem sobre o universo à sua volta. Nesse limiar, a leitura figura como um ato de brincar, ação que em



conformidade com Vigotski (2000, p. 145 *apud* MAIA e SILVA, s/d, p. 6) “é essencial à saúde física, emocional e intelectual do ser humano” [...] e “proporciona oportunidades de transferências significativas que resgatam situações conflituosas”.

A cena inicial do conto enfatiza a capacidade autoformativa que cada criança detém, basta analisar a satisfação do menino frente à atividade de desenho orientada pela professora: “– *“Que bom!”, pensou o menino. Ele gostava de desenhar leões, tigres, galinhas, vacas, trens e barcos... Pegou a sua caixa de lápis-de-cor e começou a desenhar”*.”

A reação do personagem denota o desenho como uma forma de brincar com os saberes que ele possui. Nesse sentido, brincar é sinônimo de autoconhecimento, pois os aprendizados que as brincadeiras propõem possibilitam a experimentação do vaivém do processo autoformativo quando o sujeito, impulsionado pelo desejo de aprender, por si e na relação com os outros, consegue formular concepções próprias, conforme pondera Vigotski (2000 *apud* MAIA e SILVA, s/d).

Enquanto permanece viva a chama do brincar de ler e de escrever, fica acesa também a chama da imaginação que transfere o indivíduo a lugares inabitáveis, porém, habitáveis no pensamento. Borba (2006, p. 26) assinala que “a imaginação desempenha na vida da criança, as diversas possibilidades de representação do real e os modos próprios de estar no mundo e de interagir com ele”. Esta prerrogativa revela que a infância é uma fase na qual a criança vive intensamente um processo de descobertas, e, por isso, precisa de liberdade e autonomia para desenvolver suas habilidades criativas e formar a própria personalidade.

No entanto, as ordens da professora do conto: – *Esperem, ainda não é hora de começar!* [...] – *Agora, disse a professora, nós iremos desenhar flores.* [...] – *Esperem! Vou mostrar como fazer.* – *Assim, ..., agora vocês podem começar,* apontam para o descrédito na aptidão de reproduzir algo que a criança conhece.

A criança procura desenhar os grifos que há dentro de si, suas habilidades e a imaginação costurada com a realidade. Isto possibilita viver a vida intensamente como uma verdadeira obra de arte e, para a docência, carece apreender que a representatividade da leitura por meio da escrita é muito mais do que letras e palavras somadas e decodificadas. É a sintonia com o autor, com a vida, com os anseios, mágoas e sonhos. Os desenhos infantis são representações de leituras que se forem enxergadas pelos professores como imagens vazias, serão desprezadas, assim como esboça Martins (2007, p. 10): “Se o texto é visual, ficamos cegos a ele, ainda que nossos olhos continuem a fixar os sinais gráficos, as imagens. Se é sonoro, surdos”.





É evidente que a atitude da professora do conto retrata um ideal contraditório ao que ressalta Matencio (1994, p. 18): “as práticas discursivas de leituras e de escrita devem ser vistas como fenômenos sociais, que ultrapassam os limites da escola”. Por isso, a sensibilidade do educador é de fundamental importância diante da compreensão das leituras oferecidas por seus alunos, por meio do desenho, que também indica uma das infinitas possibilidades de o sujeito apresentar-se.

Nesse prospecto, é singular à docência a percepção de que toda representação exposta pelo aprendiz é advinda de experiências vividas, visto que a criança faz uso da imaginação para se aproximar do que deseja, criando, recriando e transformando as situações experimentadas e que favorecem o prazer de sentir-se artista de si. Na mente dos infantes há um somatório de saberes implícitos que precisam ser levados em consideração.

A postura revelada pela docente do conto destaca que, em variados momentos, os adultos esquecem que as crianças são seres únicos, com singularidades, anseios e modos de interpretar as coisas de diferentes maneiras. No entanto, a professora insiste que seus alunos encaixem-se dentro de suas “formas” pragmáticas até que se tornem seres que não refletem. Acabam construindo sujeitos cegos frente à luz que reside na realidade. Cegos de si.

Ao inibir o direito da criança divulgar a própria imaginação, a docente do conto coíbe a possibilidade de (auto)formação. Josso (2010) reflete que autoformar-se é um aprendizado permanente que acontece em todos os lugares, em todos os livros, em todas as artes, em todas as histórias, em todas as fases da vida. É o desafio de fazer com que o sujeito assuma o seu processo formativo em sintonia consigo, com o outro e com meio ambiente. Nessa linha de pensamento, quando a professora define a cor, o modelo, o tempo, o jeito de fazer está desconsiderando que há vida além dos muros da escola.

A docência precisa aceitar que cada indivíduo percebe e sente sabores e dissabores de formas diferentes. As flores não são iguais. As cores não têm os mesmos tons. O barro sugere variadas modelagens. Há panelas de diversos modelos. E, ainda, que a criança não está em busca de respostas, mas de novas perguntas que a torne um sujeito aberto à construção, desconstrução e reconstrução, tríade que formaliza a constituição do humano. Ninguém ensina a ser quem sou, do que devo gostar e, muito menos, a cor que escolho para enxergar as flores que me encantam. Esse processo é dialético, plural, singular e sem receitas.

Souza (2014, p. 176) afirma que “cada ser humano tem sede de experimentar a si a fim de encontrar provas de sua própria realidade e dar sentido à vida”, mas, é notório que o menino do



conto não podia fazer com as próprias mãos o que estava vivo em seu pensamento e, sendo assim, tudo o que fazia findava na reprodução de algo que não somava experiências para seu viver. Estas atitudes despertam a sensação de viver como um pássaro engaiolado, com asas, sem ter espaço para voar, saudável para caçar o alimento que desperta seu apetite, porém, obrigado a engolir o alimento mastigado que “acham” necessário.

Martins (2007, p. 14) diz: “Aprender a ler, vai além do aprender a ler lendo, aprendemos a ler, vivendo”. É impossível sermos tocados pela leitura, se não somos sensíveis ao toque essencial da vida. A criança da narrativa era livre e aberta à mudança, até que lhe ensinaram a permanecer sempre no mesmo lugar, à espera pela ordem do outro, presos às redes de interrupções arcaicas. O ser humano necessita estar aberto às mudanças, porque são sujeitos de eternas incompletudes (FREIRE, 1996). No entanto, precisamos mudar para acompanhar a evolução das riquezas humanas provindas do conhecimento. Cortella (2014, p. 34) reflete que:

Não se trata de mudar sempre, mas mudar quando necessário, e essa necessidade vem à tona até como um paradigma, um jeito de fazer, um modelo, uma referência em vários momentos. É preciso alterar a percepção que alguns tem de que nós somos sempre do mesmo jeito.

A fala do autor evidencia que a cada dia nossa forma de pensar, falar e agir se transforma e se renova. Por isso, se a docência não se percebe como sujeito propício às mutações, como entenderá que os educandos perpassam por esses processos cotidianamente? O questionamento esboçado corrobora a afirmação de Cortella (2011, p. 40): “Como vida é processo e processo é mudança, o ser humano é ser capaz de ser diferente”. Nesse enfoque, é inadmissível esquecer a responsabilidade da docência diante de seus alunos, haja vista que, as atitudes dos adultos interferem e modificam o modo de ser das crianças, podendo vendá-las, amordaçá-las ou guiá-las por um caminho escuro e temerário, ou em contrapartida, desatar as amarras para que exerçam autônomo a liberdade que detêm.

Foi possível perceber a docência efetivando sua prática na construção de um processo de autoformação, por meio do conto: “O menino e a rosa”, quando o protagonista da história se transfere para outra instituição de ensino e é convocado a repetir a mesma atividade solicitada na instituição anterior. Quando o professor ousa e muda suas intervenções frente à leitura, a sensação é de que alguém abriu a gaiola e permitiu o voo livre para além dos horizontes. É crer na possibilidade de criação inata no ser humano. É confiar na condição que cada um possui de se recriar, a partir das experiências. Assim, é preciso que o educador tenha a consciência de que





“autoformação é a tomada de consciência e de poder que o sujeito tem sobre a própria formação, por isso pode definir o que quer aprender, o que deve aprender e o que precisa saber ao seu modo” (SOUZA, 2014, p. 165).

O processo autoformativo que acompanha o sujeito desde os aprendizados iniciais singra na constituição de um sujeito que reflete sobre o que pensa e modifica suas ações/decisões com segurança. Esse aspecto deve ser percebido como estímulo ao ato de olhar para dentro de si que, por vezes, é desconsiderado nos espaços escolares.

Alguns educadores ainda desconhecem o sentido do que é realmente a leitura. A partir do momento em que se pede ao aluno para ler e apenas procurar dígrafos e encontros consonantais, a leitura é reduzida a uma simples combinação de aspectos gramaticais e esvazia os sentidos plurais nela residentes. Ler é mergulhar no texto ao ponto de não enxergar as letras, muito menos dígrafos ou encontro consonantais. É viver um mundo que nos pertence e enriquece. É algo que liberta!

Ler “é processo de (re)atribuição de sentido” (MATENCIO, 1994, p. 17), é autoformar-se. Este posicionamento permite enxergar que lê além do que está escrito desenvolve a sensação de pertencimento para com o espaço em que vive e para com as pessoas. Por isso, de nada adianta pedir o “desenho” se não há abertura ao diálogo, à reflexão, ao respeito, à liberdade. “Ninguém cria se não estiver motivado ou desafiado” (HONORIO, 2007, p. 15). Se o educando estiver livre, desenhará aquilo que sua essência permite enxergar.

A criança do conto mudou de escola e encontrou uma professora que permitiu que fosse quem quisesse ser. A educadora não mostrou modelos nem o instruiu a seguir “padrões”, entretanto, o aluno estava treinado a copiar e repetir ideias contra sua própria vontade e, assim, sentiu dificuldade em encontrar, junto à liberdade concedida, a poesia da descoberta e findou repetindo o desenho da flor vermelha com caule verde.

É difícil a tarefa de ensinar a voar sem afrontar valores, regras, por outro lado, permitir o voo é essencial, principalmente, para aqueles que não acreditam na potencialidade de suas asas ante o vislumbre de novos horizontes, assim como aconteceu com o menino do conto.

## **PALAVRAS SÃO INSUFICIENTES PARA RESPONDEREM PERGUNTAS? Últimas considerações**

Os dados construídos na monografia apresentada singraram em descobertas reveladoras abaixo apresentadas.



A leitura faz o corpo sair do lugar sem deixar seu estado terreno. Viaja por terras inexistentes fisicamente, mas vivas na imaginação dos homens. O cheiro da leitura é infinito, não tem aroma definido. Neste recinto, a essência perfumada é a que o leitor se habilita a sentir. O toque vai de acordo com as passadas, com a vontade de ir além. Os resultados são imensuráveis e culminam no ideal de um mundo único/plural, pertencente a cada indivíduo que se dá o privilégio de se encantar com a magia das palavras.

É de vital importância deixar o leitor ir a outras terras, algumas desconhecidas, outras até já admiradas, mas que podem ser olhadas de outros ângulos. Mário Sérgio Cortella<sup>2</sup>, afirma que o sujeito deve deixar “as âncoras” de lado, pois, livre delas é possível ir aos horizontes sublimes de cada ser, de cada cultura, de cada faz de conta. Liberto de amarras, o ser respeita a palavra, o rabisco, a (in)delicada maneira de expressão humana que potencializa desejos, força de vontade, autoestima e aprendizados.

Antes de querer formar em benefício do capital e para formar os desejados cidadãos letrados e atuantes, é preciso iniciar o processo pelas sensações que nos torna gente. Sensações que afloram a alma. Por diversas vezes, é preciso revirar o educando pelo avesso em busca de revelar potencialidades adormecidas, porém, é inevitável reconhecer que a leitura tem esse poder.

Os saberes docentes revelam sentimentos, deixam marcas e flores, mas, também deixam espinhos. Em meio a tantos questionamentos que surgiram dentro das perguntas abordadas chegamos à certeza de que saber escutar, perceber gestos, decifrar as palavras e silêncios dos educandos, por intermédio do contato com a ação leitora, é um caminho de infinitos aprendizados, a base para um ensino/aprendizagem construtivo e dialético.

A rosa citada no conto de Helen Buckley representa a diversidade existente dentro de cada um, e, portanto, deve ser cultivada e regada de maneira apropriada. Chegamos ao fim desta pesquisa, cientes de que as palavras são insuficientes para buscar respostas, pois, sempre que nos aproximamos novas perguntas emergiram num oceano de dúvidas. As palavras não são o bastante para responderem perguntas, pois há uma imensidão de dúvidas dentro de nós que gera questionamentos sem início, meio e fim.

Antes da palavra há o sentir, o tocar, o ver e o conviver. Vivendo e dialogando com as leituras, o sujeito mergulha numa imensidão de dúvidas e certezas nele residentes e nesse encontro desencontra-se. Na continuidade dessa caminhada em busca do reencontro temos compreendido que

---

<sup>2</sup> Fala proferida em evento organizado pela Faculdade Maciço de Baturité, realizado em 18 de Outubro de 2015 no Hotel Garbos em Mossoró-RN.





os espinhos das flores são tão importantes quanto o perfume que elas exalam. O que os difere é a escolha que fazemos. Nas entrelinhas da leitura, temos optado pelo perfume.

## REFERÊNCIAS

BUCKLEY, Helen. **O menino e a rosa**. In: As Histórias de Mariana. Disponível em: <<http://ashistoriasdemariana.blogspot.com.br/2010/11/o-menino-e-rosa-helen-buckley.html>>. Acesso em: 15 fev, 2016.

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade**. 2. ed. Brasília, 2006.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes**. São Paulo: Cortez, 2014.

DUARTE JR, João Francisco. **Por que arte-educação?** 20. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados/ Cortez, 1989.

JOSSO, Marie Christine. **A experiência de vida e formação**. Tradução: José Cláudio e Júlia Ferreira. Natal/São Paulo: EDUFRN/ Paulus, 2010.

MAIA, Nataiane Silva. SILVA, Maria Ivone. **Brinquedoteca: um espaço lúdico e pedagógico**. Disponível em: <[file:///C:/Users/Cliente%20DHH/Host/Desktop/brinquedoteca\\_um\\_espaco\\_ludico\\_pedagogico.pdf](file:///C:/Users/Cliente%20DHH/Host/Desktop/brinquedoteca_um_espaco_ludico_pedagogico.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2015.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas, SP: Mercado de letras, 1994.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula**. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

SOUZA, Míria Helen Ferreira de. **Literatura e formação humana: nas entrelinhas das obras infantis de Clarice Lispector**. 2014. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró. 2014.